

# ANTOLOGIA DE POETAS GREGOS E LATINOS (MONÓDICA E CORAL, JÂMBICA, POLÍMETRA E ELEGÍACA)



PAULO MARTINS (ORG.)

---

2010  
3ª Edição

Todos os direitos reservados ao  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo

Av. Prof. Luciano Gualberto, 403  
São Paulo/SP  
05508-900  
Brasil

**Imagem da Capa:**

Banquet scene: man reclining on a bench and youth  
playing the aulos.  
Tondo of an Attic red-figure cup, ca. 460 BC–450 BC.  
Department of Greek, Etruscan and Roman Antiquities,  
Sully, first floor, room 43, case 24

Universidade de São Paulo  
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Prof. Dr. Paulo Martins – Coordenador  
Prof. Dr. André Malta Campos – Vice-Coordenador

M386a Martins, Paulo (org.).  
Antologia de Poetas Gregos e Latinos. 2010.

p.

Antologia de Poetas Gregos e Latinos (Monódica e Coral, Jâmbica, Polímetra e Elegíaca) Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Letras Clássicas. 2. Literatura Grega e Latina. 3. Línguas Clássicas

I. Título.

CDU - 870  
880

### **NOTA À 3ª EDIÇÃO DE 2010**

Diferente das edições anteriores desta Antologia, dedicadas exclusivamente a atender necessidades didáticas da disciplina de Introdução aos Estudos Clássicos do Curso de Letras da Universidade de São Paulo, esta visa a atender às necessidades do curso de “Literatura Latina: Lírica”, inserido dentro da grade curricular obrigatória da habilitação em Latim e oferecida como disciplina optativa às demais habilitações do curso de Letras assim como aos demais cursos da USP.

Tal ampliação de sua aplicabilidade, porquanto serve a outra disciplina e, diga-se que não é afeita à horizontalidade, provocou algumas alterações desse trabalho de compilação, dedicadas ao seu caráter vertical, a saber, mais poemas, mais autores, mais traduções.

## APRESENTAÇÃO

2ª Edição

Ao ser idealizado o Ciclo Básico no curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, os professores de grego e de latim viram-se diante do desafio de organizar bibliografia adequada às necessidades da nova disciplina, Introdução aos Estudos Clássicos (IEC). Não podíamos dispor dos livros utilizados normalmente na graduação, pois que complexos e inacessíveis aos alunos ingressantes, nem tampouco prescindir do rigor acadêmico.

Como os Estudos Clássicos no Brasil são incipientes, se comparados ao que ocorre na Inglaterra, França, Itália, Estados Unidos, Alemanha, Espanha, a carência de traduções em português é enorme, a despeito do esforço sistemático dos programas de pós-graduação em Letras Clássicas, responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa e, conseqüentemente, da produção didático-acadêmica que atende à graduação.

Era necessário, então, adaptarmo-nos às novas condições e, assim, tendo sido recolhidos textos esparsamente publicados em periódicos, livros especializados já esgotados ou mesmo em produções esporádicas e inéditas, selecionamos os que se adequavam aos critérios já estabelecidos para o curso de IEC, e os disponibilizamos aos alunos do primeiro ano. São textos fundadores da literatura ocidental, são pilares da dita Antigüidade Clássica greco-romana, e, portanto, fulcro da disciplina recém-criada.

É bem verdade que em alguns casos nossa bibliografia é suficiente e até abundante: na épica, temos, em verso, Homero, Hesíodo e Virgílio; na filosofia, em traduções idôneas lemos Platão e Aristóteles; na tragédia, Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Sêneca; na comédia, Aristófanes e Plauto; na poesia lírica latina dispomos, em verso, de algum Horácio e de Catulo. Entretanto, não é menos verdadeiro que na poesia lírica grega arcaica e no restante da lírica latina, nossa carência é manifesta.

Assim, propusemos uma *Antologia de poetas líricos* como texto-base para a seção do curso de IEC dedicada a esse gênero poético.

Os critérios principais da recolha são dois: um, geográfico-idiomático: lírica *grega* e lírica *romana* ou *latina*; outro, temporal: lírica grega *arcaica*, *clássica* e *helenística*; lírica latina *republicana* e *imperial*. É de salientar que tais critérios contemplam primeiramente o caráter introdutório da antologia, o que equivale a dizer, o corpo discente recém-chegado à Universidade, naturalmente não habituado ainda a discriminar na denominação "lírica", além dela, outros dois gêneros antigos ali neutralizados pelo conceito contemporâneo de lirismo: a elegia e o iambo (ou jambo). Não obstante a generalização, procuramos, ao dispor a recolha, para modificar aquele conceito, considerar a distinção, efetiva para os antigos, entre os gêneros poéticos da *elegia*, do *iambo* e da *lírica*, reunindo em cada um os poetas que os praticaram e os poemas que assim criaram: na elegia leremos Mimnermo, Arquíloco, Calímaco e Propércio; no iambo, leremos Arquíloco, Semônides, Hipôxax e Catulo; na lírica, propriamente dita, leremos, Safo, Alceu, Anacreonte, Catulo, Horácio.

Subordinado a eles, consideramos também, quando é o caso, o critério da *performance* (ou desempenho) dos poemas e o ambiente em que ocorre, discriminando, pois, poesia *monódica* – isto

é, poemas que deveriam ser executados por um só cantor – de poesia *coral*, poemas que deveriam ser executados por um grupo de cantores. A *performance* diz respeito principalmente, mas não só, à poesia grega arcaica, produzida antes do advento da escrita, quando vigoravam as condições *orais* de composição, desempenho e transmissão.

As traduções, na maioria, são de professores e ex-professores da Universidade de São Paulo: José Cavalcante de Souza, Antônio Medina Rodrigues, Jaa Torrano, Paula da Cunha Corrêa, João Angelo Oliva Neto, Paulo Martins, Giuliana Ragusa, etc Além de poetas, reconhecidos pelo fino trato do verso: Mario Faustino, Nelson Ascher, Haroldo de Campos.

Assim foi pensada esta *Antologia* e repensada desde 1999: queremos mostrar o refinamento e a singularidade da poesia lírica greco-romana antiga a partir da tradução esmerada de seus textos mais significativos, quer pelo engenho (*ingenium*), quer pela arte (*ars*). Tendo acesso a uma das mais significativas produções do mundo greco-romano, o aluno ingressante em Letras poderá observar como essa poesia difere da lírica moderna, mas, ao mesmo tempo, há de ver como repercute indelevelmente na modernidade.

No mais, Fernando Pessoa:

*Dizem que finjo ou minto  
Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.*

*Tudo o que sonho ou passo,  
O que me falha ou finda,  
É como que um terraço  
Sobre outra coisa ainda.  
E essa coisa é que é linda.*

*Por isso escrevo em meio  
Do que não está ao pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é.  
Sentir? Sinta quem lê!*

(Fernando Pessoa, *Cancioneiro*, p. 99.)

**Paulo Martins  
Carnaval de 2005**

**GRÉCIA**

---

**ARQUÍLOCO**

---

**Fr. 1W**

Ἀμφότερον, θεράπων μὲν Εὐναλίιο θεοῖο,  
καὶ Μουσέων ἐρατᾶν δῶρον ἐπιστάμενος

**TRADUÇÕES**

*Paula Corrêa*

Ambos: servo do deus Eníalio e,  
Do amável dom das Musas conhecedor

\*\*\*\*

*Antônio Medina Rodrigues*

Sou servidor do Senhorio das sedições,  
E amáveis dons das Musas bem conheço.

\*\*\*\*

*José Cavalcante de Souza*

e sou eu  
ao mesmo tempo um servo do Guerreiro soberano  
e das Musas o amável dom conhecendo.

---

**Fr. 4W**

ἄλλ' ἄγε σὺν κώθωνι θοῆς διὰ σέλματα νηὸς  
φοίτα καὶ κοίλων πώματ' ἄφελκε κάδων,  
ἄγρει δ' οἶνον ἐρυθρὸν ἀπὸ τρυγός οὐδὲ γὰρ ἡμεῖς  
νηφέμεν ἐν φυλακῇ τῆιδε δυνησόμεθα

**TRADUÇÕES**

*Paula Corrêa*

mas vai, de caneca pelos bancos da nau veloz  
corre e das cavas jarras arranca as tampas,  
e toma o vinho rubro desde a borra, pois tampouco  
nós  
sóbrios, poderemos nesta vigília permanecer

\*\*\*\*

*José Cavalcante de Souza*

Eia, pois, que rápida atravesse a taça  
De mão em mão os bancos da barcaça,  
E chupe-se da pipa o vinho até na borra  
(A sisudez não vai ter vez nesta vigília)

\*\*\*\*

*Antônio Medina Rodrigues*

Vamos, de Canecão pelo convés de veloz nau  
anda e a bebida tira dos cavos tonéis  
e caça o vinho até a borra; pois também nós  
sem beber nesta vigília não poderemos.

---

**Fr. 38W**

Ἄσπιδι μὲν τίς ἀγάλλεται, ἦν παρὰ θάμνωι,  
ἔντος ἀμώμητον, κάλλιπον οὐκ ἐθέλων  
αὐτὸν δ' ἐξεσάωσα. Τί μοι μέλει ἄσπις  
ἐκείνη;  
ἔρρέτω· ἐξαῦτις κτήσομαι οὐ κακίω

**TRADUÇÕES**

*Paula Corrêa*

Com um escudo um saio ufana-se, o qual junto à  
moita  
Arma irrepreensível deixei se querer,  
Mas salvei-me. Que me importa aquele escudo?  
Que vá! Arranjo outro, não pior.

\*\*\*\*

*Antônio Medina Rodrigues*

Um Saio ora se escora em meu escudo,  
Arma sem par, que ao léu abandonei,  
E a vida assim salvei, largando tudo,  
Um tal escudo, enfim, não lembrarei.  
Pois suma! Outro melhor eu compro, é tudo.

\*\*\*\*

*José Cavalcante de Souza*

o escudo um Saio dele se orgulha, numa moita  
arma impecável deixei-o sem querer,  
mas eu mesmo o fim da morte evitei; aquele  
escudo  
que se vá; de novo um comprarei não pior.

---

**Fr. 93W**

Θυμέ, θύμ' ἀμηχάνοισι κήδεσιν κυκώμενε,  
ἄνα δέ, δυσμενέων δ' ἀλέξευ προσβαλῶν ἐναντίον  
Στέρνον, ἐνδόκοισιν ἐχθρῶν πλεσίον  
κατασταθεῖς  
ἀσφαλέως· καὶ μήτε νικέων ἀμφάδην ἀγάλλεο,  
Μηδέ νικηθεῖς ἐν οἴκῳ καταπεσεῶν ὀδύρεο,  
ἀλλὰ χαρτοῖσιν τε χαίρε, καὶ κακοῖσιν  
ἀσχάλα  
Μὴ λίην· γίγνωσκε δ' οἷος ῥυσμὸς ἀνθρώπους  
ἔχει.

**TRADUÇÃO**

*José Cavalcante de Souza*

Coração, coração de imediatos nojos agitado,  
levanta, às aflições resiste lançado um contrário  
peito, a embustes de inimigos de perto contraposto  
com firmeza; e nem vencendo abertamente exultes  
nem derrotado em casa abatido te lamentes,  
mas com alegrias te alegre e com reveses te aflige  
sem excesso; e conhece qual ritmo regra os  
homens.

---

**Fr. 114W**

οὐ φιλέω μέγαν στρατηὸν οὐδέ  
διαπεπλιγμένον  
Οὐδε βοστρύχοισι γαῦρον οὐδ' ὑπεξυρημένον,  
ἀλλά μοι σμικρὸς τις εἴη καὶ περὶ κνήμας ἰδεῖν  
ῥοικός, ἀσφαλέως βεβηκῶς ποσσί, καρδίης  
πλέως.

**TRADUÇÕES**

*Paula Corrêa*

Não gosto do grande general, nem do que anda a  
largo passo,  
Nem do que é vaidoso de seus cachos, nem do bem  
barbeado,  
Mas que me seja pequeno e com pernas tortas  
De se ver, plantado firme sobre os pés, cheio de  
coragem.

\*\*\*\*

*Antônio Medina Rodrigues*

Não faz meu gosto um marmanjão de general

De perna aberta, e perfumado: um chefe  
Torto, baixo me contenta se for macho.

\*\*\*\*

*José Cavalcante de Souza*

não gosto do grande general de andar  
desenvolto,  
impado em seus caracóis, o bigode aparado;  
prefiro ter um pequeno e em suas pernas vê-lo  
torto, seguro andando nos pés, cheio de  
coragem.

---

**SAFO**

**Ode à Afrodite – Fr. 1**

ποικιλόθρον' ἀθανάτ' Ἀφρόδιτα,  
παὶ Δίος δολόπλοκε, λίσσομαί σε,  
μὴ μ' ἄσαισι μηδ' ὀνίαισι δάμνα,  
πότνια, θύμον,

ἀλλὰ τυίδ' ἔλθ', αἶ ποτα κατέρωτα  
τάς ἔμας αὔδας αἰοῖσα πῆλοι  
ἔκλυες, πάτρος δὲ δόμον λίποισα  
χρῦσιον ἦλθες

ἄρμ' ὑπασδεύξαισα· κἄλλοι δέ σ' ἄγον  
ᾧκεες στρουῦθοι περὶ γᾶς μελαίνας  
πύκνα δίνεντες πτέρ' ἀπ' ὠράνωϊθε-  
ρος διὰ μέσσω,

αἶψα δ' ἐξίκοντο· σὺ δ', ᾧ μάκαιρα,  
μειδιαίσαισ' ἀθανάτω προσώπωι  
ἦρε' ὅττι δηῦτε πέπονθα κῶττι  
δηῦτε κάλημμι,

κῶττι μοι μάλιστα θέλω γένεσθαι  
μαινόλα θύμωι· τίνα δηῦτε πείθω  
ἄψ σ' ἄγην ἐς φᾶν φιλότατα; τίς σ', ᾧ  
Ψάφ', δικήει;

καὶ γὰρ αἶ φεύγει, ταξέως διώξει·  
αἶ δὲ δῶρα μὴ δέκετ', ἀλλὰ δώσει·  
αἶ δὲ μὴ φίλει, ταξέως φιλήσει  
κῶυκ ἐθέλοισα.

ἔλθε μοι καὶ νῦν, χαλέπαν δὲ λῦσον  
ἐκ μερίμναν, ὅσσα δὲ μοι τέλεσσαι  
θῦμος ἡμέρρει, τέλεσον· σὺ δ' αὐτὰ  
σύμμαχος ἔσσο.

**TRADUÇÕES**

*Giuliana Ragusa*

De flóreo-manto-furta-cor, ó imortal Afrodite,  
filha de Zeus, a tece-ardis, suplico-te:  
não me domes com angústias e náuseas,  
veneranda, o coração,

mas para cá vem, se já outrora -  
a minha voz ouvindo de longe - me  
atendeste, e de teu pai deixando a casa  
áurea a carruagem

atrelando vieste. E belos te conduziram  
velozes pardais em torno da terra negra -  
rápidas asas turbilhonando céu abaixo e  
pelo meio do éter.

De pronto chegaram. E tu, ó venturosa,  
sorrindo em tua imortal face,  
indagaste por que de novo sofro e por que  
de novo te invoco,

e o que mais quero que me aconteça em meu  
desvairado coração. “Quem de novo devo persuadir  
(?) ao teu afeto? Quem, ó  
Safo, te maltrata?”

Pois se ela foge, logo perseguirá;  
e se presentes não aceita, em troca os dará,  
e se não ama, logo amará,  
mesmo que não queira”.

Vem até mim também agora, e liberta-me dos  
duros pesares, e tudo o que cumprir meu  
coração deseja, cumpre; e, tu mesma,  
sê minha aliada-de-lutas.

\*\*\*\*

*Antônio Medina Rodrigues*

Eternal Afrodite, e ao trono adorno,  
De intrigas tecelã, ó Dial, te imploro:  
O peito não me firas com transtornos,  
Ó Dona, ou dolos.

Vem para aqui, porém, se em mim atenta,  
Um dia ao longe ouviste os meus agouros,  
E da mansão do Pai então ausentas  
Com carro de ouro,

Que tu mesma atrelaste, e à terra escura  
As breves aves vão te conduzindo,  
Asas batendo ao céu, o éter censuram,  
No ar vêm vindo,

E pousam logo, ó Bem-Aventurada,  
E indagas-me co’ a face eterna em risos:

Que mal de novo eu tinha, eu ansiada  
Aos teus avisos?

Que quer minha alma, então, que surja insana?  
“A quem, com Persuasão, ora destino  
Ao teu amor, ou quem, ó Safo, dana-te,  
E desatina?”

Se é quem te foge, oh logo vai buscar-te,  
E os dons, se enjeita, os seus logo envia,  
Não te ama agora? Vai depressa amar-te,  
Inda arredia.

Eis vem, e livra-me da ira tenaz,  
E dê, já de uma vez, por terminadas  
Todas coisas que a alma anseia: serás  
Minha aliada!

\*\*\*\*

*Jaa Torrano*

Afrodite imortal de faiscante trono  
filha de Zeus tecelã de enganos peço-te:  
a mim nem mágoa nem náusea domine  
Senhora o ânimo

Mas aqui vem - se já uma vez  
a minha voz ouvindo de longe  
escutaste e do pai deixando a casa  
áurea vieste

atrelado o carro. Belos te levavam  
ágeis pássaros acima da terra negra  
contínuas asas vibrando vindos do céu  
através do ar,

e logo chegaram. Tu ó Venturosa  
sorrindo no rosto imortal indagas  
o que de novo sofri, a que de novo  
te evoco,

o que mais desejo de ânimo louco  
que aconteça. “Quem de novo convencerei  
a acolher teu amor? Quem Safo te faz  
sofrer?”

“Se bem agora fuja, logo te perseguirá,  
se bem teus dons recuse, virá te dar,  
se bem não ame, logo amará - ainda que  
ela não queira.”

Vem junto a mim ainda agora, desfaz  
o áspero pensar, perfaz quanto meu ânimo  
anseia ver perfeito. E tu mesma - sê  
minha aliada.

\*\*\*\*

---

**Ode à Anactória – Fr. 16**

οἱ μὲν ἰππήων στρότον οἱ δὲ πέσδων  
οἱ δὲ νάων φαῖς' ἐπὶ γᾶν μέλαιναν  
ἔμμεναι κάλλιστον, ἔγω δὲ κῆν ὄτ-  
τω τις ἔραται·

πάγχυ δ' εὐμαρες σύνετον πόησαι  
πάντι τοῦτ', ἅ γάρ πολὺ περκέθοισα  
κάλλος ἀνθρώπων Ἑλένα τὸν ἄνδρα  
τὸν πανάριστον

καλλίποιος' ἔβα ἴς Τροίαν πλέοισα  
κωῦδε παιῖδος οὐδὲ φίλων τοκήων  
πάμπαν ἐμνάσθη, ἀλλὰ παράγαγ' αὐτὰν  
ἴσαν

[αμπτον γάρ]  
[...κούφος τ[ ]σησ[.]ν  
με νῦν Ἀνακτορίας ὀνέμναι-  
σ' οὐ παρεόισας·

τᾶς κε Βολλοῖμαν ἔρατον τε Βᾶμα  
Κάμάρυγμα λάμπρον ἴδην προσώπω  
ἢ τὰ Λύδων ἄρματα κᾶν ὄπλοισι  
Πεσδομάχεντας.

**TRADUÇÕES**

*Jaa Torrano*

Dizem: o renque de carros ou de soldados  
ou de navios é sobre a terra negra  
a suprema beleza. Digo: é aquilo que  
se ama.

Muito fácil fazer isto compreensível  
a todos: - Helena, a que superou  
toda beleza de humanos, ao mais nobre  
marido

deixou atrás e foi a Tróia num navio.  
Nem da filha nem dos pais queridos  
nada se recordou, mas seduziu-a  
Cípris.

Nas mãos da Cípris é maleável a mente.  
Eros faz nosso pensamento revirar-se  
leve e faz-me lembrar agora Anactória  
longe.

Quisera eu ver o encanto de seu andar  
e a luz brilhante de seu rosto,  
não carros da Lídia ou guerreiros com  
armas.

*Giuliana Ragusa*

A]guns, renque de cavalos, outros, de soldados,  
e outros, de naus - sobr[e] a terra neg[r]a dizem  
s]er a coisa mais bela, mas eu (digo): o que quer  
que se ame.

In]teiramente fácil fazer compreensível a  
t]odos i[s]so, pois a que muito superou  
em beleza os [hom]ens, Helena, [o] marido,  
o [mais no]bre,

tendo de[ixa]do, foi para Tróia navegan[do,  
até mesm[o da fi]lha e dos queridos p[a]is  
comp[letamente] esquecida, mas  
desencaminhou-a

(...]

] (...) pois [

] (...) [

] (...) agora traz-me Anactór[ia à l]embran-  
ça, a] que está ausente,

S]eu adorável caminhar quisera ver,  
e o brilho luminoso de seu rosto,  
a ver dos lídios as carruagens e a armada  
infan]taria.

] (...) impossível vir a ser

] (...) hom[em (?) ... p]artilhar e orar

(...) [

(...)[

] [

] [ ] (...) [

e inesperadamen]te.

---

**Φάινεται μοι – Fr. 31**

**TRADUÇÕES**

*Antônio Medina Rodrigues*

Igual a um deus esse homem me parece,  
O que sentado está, defronte de ti,  
E a voz te ouvindo, nela se entorpece,  
E tal por ti,

Pela visão de um riso aos lábios teus,  
Meu peito se consome, e a teu olhar,  
Que finge vir-me, a voz e o verbo meu  
Sinto que somem.

E se me parte a língua, e em tez e pele  
Espalha-se um tremor por mil sentidos,  
Embaçam-se as pupilas, e u zumbir  
Me implode ouvidos,

Um suor o seio e púbis me percorre,  
E presa eu sou da angústia, e em mais palor  
Me sinto que uma ervilha, e a morte ocorre  
A mim ansiada.

Mas tudo, ó Agálida, se irá tentar.

\*\*\*\*

*Jaa Torrano*

Parece-me par dos deuses  
ser o homem que ante de ti  
senta-se e de perto te ouve  
a doce voz

e o riso desejoso. Sim isso  
me atordoa o coração no peito:  
tão logo te olho, nenhuma voz  
me vem

mas calada a língua se quebra,  
leve e sob a pele um fogo me corre,  
com os olhos nada vejo, sobrezum-  
bem os ouvidos

frio suor me envolve, tremo  
toda tremor, mais verde que relva  
estou, pouco me parece faltar-me  
para a morte.

Mas tudo é ousável e sofrível...

\*\*\*\*

*Giuliana Ragusa*

Parece-me ser par dos deuses ele,  
o homem, que oposto a ti  
senta e de perto tua doce fa-  
la escuta,

e tua risada atraente. Isso, certo, meu  
coração no peito atordoa;  
pois quando te vejo por um instante, então fa-  
lar não posso mais,

mas †se quebra† †minha† língua, e ligeiro  
fogo de pronto corre sob minha pele,  
e nada vêem meus olhos, e zum-

bem meus ouvidos,

e água escorre de mim, e um tremor  
de todo me toma, e mais verde que a relva  
estou, e bem perto de estar morta  
pareço eu mesma.

Mas tudo é suportável, uma vez que mesmo um  
pobre ...

**Fr. 44**

**TRADUÇÃO**

*Giuliana Ragusa*

(...)  
Chipr(e ?) [(a nascida em Chipre?) ... - 22 -  
...](...);  
Veio o arauto (...)[ - 10  
- ](...)[...](...)  
Ídaos (...)[..](...), veloz mensageiro:  
< “ ><sup>3a</sup>  
e do resto da Ásia (...)[.](...) glória imperecível.  
Heitor e os companheir[o]s a de rútilos-olhos  
trazem 5  
de Tebas sacra e da Plácia de [fo]ntes perenes –  
ela,  
delicada Andrômaca –, nas naus, sobre o salso  
mar. E muitos [bra]celetes áureos e vestes  
de púrpur[a] fragr[an]tes, adornos furta-cor,  
incontáveis cálices prateados e marfins”. 10  
Assim ele falou; e rápido ergueu-se o p[ai]  
querido;  
e a nova, cruzando a ampla cidade, chegou aos  
amigos.  
De pronto os troianos às carruagen[s] de boas-  
rodas  
atrelaram as mulas, e nelas su[b]iu toda a  
multidão  
de mulheres e junto as virgen[s] (...[.][.][.])  
tornozelos, 15  
mas apartadas as fil[h]as de Príamo[  
e cava[los] os homens atrelaram aos ca[rros  
[ (...)] moços solteiros, e por um largo  
espa[ç]o [ (...)] os condutores das carruagens [....].[  
[ (...)][ (...)] 20  
< desunt aliquot versus >  
s]emelhantes aos deuse[s]  
] sagrado, em multidõ[es  
rumou [ (...)] em direção a Íli[o  
e a flauta de doc[e]-som [ ] se  
mistur[ou

e o s[o][m das c]astanh[as] e então as  
vir[gens] 25  
cantaram uma canção sac[ra e che]gou aos céus  
eco divino (...)  
e em toda parte estava ao longo das ru[as]  
crateras e cálices (...)[...][...][...][...].  
mirra e cássia e incenso se misturavam, 30  
e as mulheres soltavam alto brado, as mais velha[s],  
e todos os homens entoavam adorável e alto  
peã a Apolo invocando o Arqueiro hábil-na-lira,  
e hineavam Heitor e Andrômaca, pares-dos-  
deus[es].

---

## MIMNERMO

### TRADUÇÕES

*Antônio Medina Rodrigues*

#### Diehl 1

Τίς δε βίος, τι δε τερπὸν ἄτερ χρυσῆς  
Ἀφροδίτης;  
Τεθναίην, ὅτε μοι μηκέτι ταῦτα μέλοι,  
Κρυπταδὶν φιλότης καὶ μείλιχα δῶρα καὶ εὐνή·  
Οἷ ἥβης ἄνθεα γίγνεται ἀρπαλέα  
ἀνδράσιν ἠδὲ γυναιξίν·

Qual vida tem valor, sem de Afrodite  
As da dádivas douradas? Antes quero a morte,  
Se os beijos não tiver, e a cama e os apetites,  
Que são da rubra mocidade a sorte,  
Varões a porem nus e senhoritas.  
[A idade, ao descambar num ser humano,  
Imprime nele os males todos: tudo o irrita.  
Nem o aviva mais o sol, o céu de Urano,  
Nem nas crianças vê coisa bonita.  
E as fêmeas o desprezam, tanto o Soberano  
Ao homem no final da vida prejudica.]

\*\*\*\*

#### Diehl 2

Ἡμεῖς δ' οἶα τε φυλλὰ φρεὶ πολυανθεμὸς ὦρη  
Ἐαρος, σὶ αἶα ἀυγῆσ' ἀύξεται ἡελίου,  
Τοῖσ' ἰκελοὶ πηχυῖον ἐπὶ χρόνον ἀνθιστὶν ἠβῆς  
Τερπομεθα, πρὸς θεῶν εἰδοτεὺς οὐτε κακὸν  
Οὐτ' ἀγαθόν· Κηρὲς δὲ παρεστῆκασι μελαιναί,  
ἠ μὲν ἐηουσα τέλος γηραὸς ἀργαλεῶν,  
ἠ δ' ἕτερη θανατοιοῦ μινυνοῦθα δὲ γίγνεται ἠβῆς  
καρπὸς, ὅσον τ' ἐπὶ γῆν κιδναται ἡελίος.  
Ἀυτὰρ ἐπὶν δὴ τοῦτο τέλος παραμεινεται ὦρης  
Ἀυτικά δὴ τεθναταὶ βελτίον ἠ βιοτοῦς·

Nós, como a tantas flores faz a primavera  
Abrir as folhas, nós, quais flores tenras,

Ébrios vamos vivendo efêmero fulgor,  
Sem sabermos o mal ou bem que os deuses  
tramam  
As negras Parcas espionam, entretanto,  
Uma em torturas arremata o tempo nosso,  
Outra costura a morte, e dura a juventude  
O tanto quanto o sol passeia ao solo.  
Morrer prefiro, antes que suma a primavera.  
Dentro da alma, depois dela, caem os males,  
E, arrematada a queda, sobra a feita mágoa:  
Um vai dentro do Inferno uivar os filhos  
Que não teve, outro adoce e morre, qual!  
Aos males que nos manda Zeus ninguém escapa!

\*\*\*\*

#### Diehl 3

Um sopro, um sonho leve dura a preciosa  
Juventude, antes de que em nós se enlace  
A insídia gris dessa velhice odiosa,  
Que a pele nossa enruga e o corpo infama,  
E faz de nós quem nunca fomos, cinza e frio  
Da alma com seu simples espriar-se.

\*\*\*\*

#### Diehl 10

Sina do sol é todo dia trabalhar,  
Não dar descanso a si, nem aos corcéis:  
Pois, dedirrósea, aurora dele vai largar,  
Subir depressa, e se espriar no céu.  
No mar, um curvo barco leva o sol em sonho,  
O barco feito foi da mão de Hefesto.  
E ao Sol adormecido assim carrega o barco,  
Que a espuma singra desde Hespéria até Etiópia,  
Onde os corcéis castiga a aurora uma vez mais,  
E a seus corcéis, ao longe, o Sol persegue.

---

## SEMÔNIDES DE AMORGO

### “Sátira” contra as mulheres

#### TRADUÇÃO

*F. Rebelo Gonçalves*

No princípio, fez Deus de várias  
naturezas o carácter das mulheres.

Uma mulher nasceu da porca de longas  
sedas. É aquela que tem uma casa onde só há  
lama e desordem; onde tudo se espalha no chão;  
onde ela própria engorda entre monturos,  
imunda de corpo e de vestuário.

Outra mulher teve origem na raposa velhaca. Mestre na astúcia, nada ignora do bem ou do mal. E é capaz de louvar e criticar as mesmas coisas, assim se distinguindo por gênio versátil.

Outra, ainda, foi gerada da cadela. E por isso lhe cabe – tal mãe, tal filha – a arte da ligeireza. Tudo quer ouvir e saber; a tudo lança olhares inquietos; anda sempre dum lado para outro; grita constantemente, até quando não vê ninguém. Nem o marido, com ameaças, logrará amansá-la, embora, irritado, lhe parta os dentes à pedrada. E tão pouco a amansará com branduras, embora esteja ao pé de estranhos. Jamais põe termo à vã gritaria.

E que dizer destoutra mulher? – Que os deuses do Olimpo, formando-a da terra, ao marido a deram como um ente embrutecido, que nem sequer compreende o mal e o bem. Só sabe comer. E pode vir um mau inverno, que, apesar do frio, ela não tem ânimo de se arrastar num banco para a lareira...

Aquela nasceu do mar. No seu espírito há sempre dois pensamentos. Passa um dia a rir, a folgar, dando ensejo a que um estranho, ao vê-la em casa, lhe diga como elogio: “Não há em todo o mundo mulher mais excelente, mais bela do que esta.” Mas logo ao outro dia, já não tem, por insuportável, quem de bom grado a olhe ou se lho aproxime; cheia de cólera, mostra-se inacessível qual cadela em redor dos filhos; e torna-se, com sua rudeza, desagradável a quem quer que seja. Numa palavra: assim como, no estio, muitas vezes o mar está calmo e inofensivo, para alegria dos marinheiros, e, pelo contrário, muitas outras vezes se embravece, agitado por ondas do grande fragor, assim tal mulher é inconstante, fazendo que o próprio marido se não acomode à sua índole.

Também da burra de cor plúmblea, vítima de maus tratos, descendeu uma mulher: a que, por necessidade e à força de ameaças, todos os trabalhos faz, embora a custo, tranqüilamente os suporta. Come, noite e dia, ora num esconso, ora à lareira. E não hesita em fazer seu amante o primeiro que a convida para os prazeres sensuais.

Por seu lado, a mulher da raça da doninha é funesta e miserável. Não possui qualquer beleza ou atrativo, qualquer encanto ou graça. Sôfrega da luxúria, causa nojo ao homem que lhe esteja próximo. Rouba e faz grande mal aos vizinhos. Além disso, quantas e quantas vezes devora vítimas que não foram aceites em sacrifício!

E aquela? – Provém da égua elegante, de longa crina, e recusa-se aos trabalhos servis, às tribulações. Não se dá ao incômodo de tocar na mó do moinho, de pegar na joeira, ou de varrer a casa. Evita estar junto do forno, para se livrar da fuligem.

E só faz por atrair a estima do marido quando a isso se vê forçada. Entretanto, chega a lavar-se duas vezes, quando não três, por dia, perfuma-se, e traz sempre penteada a longa e majestosa cabeleira. Sendo, pois, belo objeto de admiração para os outros homens, esta mulher só serve de desgraça ao marido: exceto se ele for um grande senhor, ou um rei, e até se orgulhar de tais predicados...

Da macaca, mais uma mulher fez Zeus, aos homens a dando como o pior dos infortúnios. Feiíssima de rosto, provoca, ao andar pela cidade, o riso de toda a gente. O seu pescoço é curto. Com dificuldade se move. Faltam-lhe as nádegas. Só tem pele sobre os ossos. Ai! infeliz do homem que nos braços tomar semelhante estafermo! Depois, é maliciosa em todos os pensamentos, e bem assim nas atitudes, à maneira dos símios, não lhe importando a zombaria. Nunca presta um benefício. Pelo contrário, fixa a sua atenção num propósito, e chega a meditar, um dia inteiro, no melhor modo de o tornar nocivo.

Finalmente, há a mulher da raça da abelha. Esta dá felicidade ao marido, e é a única não merecedora de censuras. A vida, sob a sua influência, de todo floresce e se avigora. Afeiçoada ao companheiro, que a ama, ao lado dele envelhece, produzindo bela geração de nome ilustre. Sobressai a todas as mulheres, envolta em graça divina. E, para mais, até nem gosta de reunir-se com outras, quando elas se entregam a conversas livres.

Vê-se, pois, que Zeus concedeu aos homens as mulheres desta natureza como as melhores e mais sensatas. Mas as outras, essas, por invenção do mesmo deus, são para eles flagelo eterno.

Zeus mal imenso fez com as mulheres. A tal ponto que ainda ao parecerem úteis aos maridos lhes dão desgraça.

Não pode o homem que vive com uma mulher ser feliz um só dia. Assim como não terá forças para repelir do lar a fome, essa inimiga que o não desampara, divindade malévola! E é sobretudo quando ele, na própria casa, mostra estar contente, por graça divina ou por favor dos homens, que a mulher, com censuras, o incita a discussões.

Além disso, em casa onde haja uma mulher, nunca se deve, de boa vontade, receber um estranho. Porque até a mui correta na aparência não deixa, em cortas ocasiões, de ser injuriosa. E, ao ficar o marido boquiaberto de espanto, rirão de mias um se ter iludido...

Não é raro, porém, que cada homem

louve a sua mulher e critique as dos outros. Pobres de nós, que assim ignoramos o destino comum!

Repito: foi Zens o autor de tão grande mal. E desde que, um dia, morreram homens que uma mulher lançara em luta, rodeou esse mal de estorvos sem fim.

---

## PÍNDARO

### XI Olímpica

Ἔστιν ἀνθρώποις ἀνέμων ὅτε πλείστα  
χρήσις ἔστιν· δ' οὐρανίων ὑδάτων,  
ὀμβρίων παίδων νεφέλας.  
Εἰ δε σὺν πόνωι τις εἶδ' ἄσσοι,  
σοι, μελιγάρυες ὕμοι  
ὑστέρων ἀρχὰ λόγων  
τέλλεται καὶ πιστὸν ὄρκι-  
ον μεγάλαις ἀρεταῖς.

Ἄφθόνητος δ' αἶνος Ὀλυμπιονίκαις  
οὗτος ἄγκειται. Τὰ μὲν ἀμέτρα  
γλώσσα ποιμαίνειν ἐθέλει,  
ἐκ θεοῦ δ' ἀνήρ σοφαῖς ἀν-  
θεῖ πραπίδεςσιν. Ὅμως ὦν,  
ἴσθι νῦν, Ἀρχεστράτου  
παί, τεᾶς, Ἀγνσίδαμε,  
πυγμαχίας ἔνεκεν

κόσμον ἐπὶ στεφάνωι χρυσέας ἐλαίας  
ἀδυμελῆ κεφαδῆσω,  
Ζεφυρίων Λοκρῶν γεραῖαν ἀλέγων.  
Ἔνθα συγκωμάξατ' ἐγγυάσομαι  
ὑμῖν, ὦ Μοῖσαι, φυγόξενον στρατόν  
μηδ' ἀπείρατον καλῶν  
ἀκροσοφόν τε καὶ αἰχματαν ἀφίξε-  
σθαι. Τὸ γὰρ ἐμφυές οὗτ' αἴθων  
ἀλώπηξ  
οὗτ' ἐρίβρομοι λέον-  
τες διαλλάξαιντο ἦθος.

## TRADUÇÃO

*João Angelo Oliva Neto*

PARA HAGESIDAMO, LOCRO EPIZEFÍRLO,

VENCEDOR NO PUGILATO INFANTIL

Aos homens há por vezes de ventos mais que tudo  
precisão. E de celestes águas,  
chuvosas filhas da nuvem.  
Mas se com esforço alguém bem se  
fez, melissonantes hinos,  
começo de longa fama,  
se perfazem, fiel penhor  
de ingentes gestas.

Sem inveja, aos que vencem em Olímpia  
esta loa se consagra. E tal é pasto de minha língua,  
mas vem de deus homem em sábios  
dons florescer. Se é assim,  
sabe agora, Hagesidamo,  
filho de Arquéstrato, por tuas pugnas, que

ornato à coroa de aúrea oliva  
um canto farei soar doce,  
cuidando na raça dos Locros Zefírios. Tomai  
parte, Musas, nesta festa, que garanto:  
até vós ao encontro um povo  
não virá hostil ao hóspede  
nem avesso ao belo, mas  
de agudo saber e lutar. Congênito,  
rubra raposa e rugientes leões não vão per-  
mudar caráter.

---

## CALÍMACO

### TRADUÇÕES

*João Angelo Oliva Neto*

#### Epigrama - 1P

Um estrangeiro, lá de Atarnes, vindo a Pítaco  
de Mítilene, filho de Hírrias, fala:  
"Velho, oscilo entre dois enlances, uma noiva  
pela riqueza e raça está a meu lado,  
a outra me supera. E então? Toma comigo  
a decisão: qual levo ao himeneu?"  
Este, o cajado erguendo, arma de velhos, fala:  
"Aqueles te darão toda a palavra."  
Num largo trívio, rápidos peões nas mãos,  
uns meninos rodavam, dando golpes.  
"Segue seus passos", diz; o estranho foi lá; lá  
gritavam: "Vai, pega!, que está a teu lado."  
Ao ouvi-lo, o estrangeiro não quis ricas bodas,  
compreendera o presságio dos meninos.  
Tal como ele casou com mais modesta noiva,  
tu, assim vai!, pega a que está a teu lado.

\*\*\*\*

#### Epigrama - 8P

Pequena, Dionísio, basta uma palavra  
ao poeta feliz: "venci" é o máximo  
que diz. Mas se ao que tu não inspiraste bem  
"que tal?", indagam, "duro é o que me ocorre",  
diz. Que isto ocorra a quem injustos versos trama:  
a mim, senhor, as tais pequenas sílabas.

\*\*\*\*

**Epigrama - 27P**

Poesia é o canto, o modo de Hesíodo: ao menor  
aedo não, porém, creio, ao que em épicos  
há mais fino moldou-se o poeta Sólio; salve!,  
gráteis linhas, vigília e afã de Arato.

\*\*\*\*

**Epigrama - 28P**

Eu odeio o poema cíclico; da estrada  
que muitos leva, traz, aqui e lá, não gosto.  
Que vagueia detesto amante nem da fonte  
bebo e me afasto de lugar comum.  
Lisânias, tu és belo, belo, sim, mas antes  
que o diga o Eco, alguém diz: "outro o tem".

CATULO

TRADUÇÕES

João Angelo Oliva Neto

1

*Quoi dono lepidum nouum libellum  
arida modo pumice expositum?  
Corneli, tibi; namque tu solebas  
meas esse aliquid putare nugas,  
iam tum cum ausus es unus Italarum  
omne aeuum tribus explicare cartis  
doctis, Jupiter, et labanosis.  
Quare habe tibi quicquid hac libelli,  
qualecumque; quod o patrona uirgo,  
plus uno maneat peremne saeclo.*

A quem dedico esta graça de livro  
novinho em folhas recém-buriladas?  
A ti, Cornélio, pois tu costumavas  
ver uma coisa qualquer nestas nugas,  
já desde o tempo em que ousaste, primeiro  
na Itália inteira, explicar toda a História  
em três volumes mui sábios - por Júpiter! –  
muito difíceis. Contigo então, leve,  
leva este quê, o que for, de livrinho:  
que viva, ó deusa virgem, mais de um século!

\*\*\*\*

5

*Viuuamus, mea Lesbia, atque amemus,  
rumoresque senum serueuorum  
omnes unius aestimemus assis.  
soles occidere et redire possunt;  
nobis curn semel occidit breuis lux,  
nox est perpetua una dormienda.  
da mi basia mille, deinde centum,  
dein mille altera, dein secunda centum,  
deinde usque altera mille, deinde centum.  
Dein, cum millia multa fecerinus,  
conturbabimus illa, ne sciamus,  
aut ne quis malus inuidere possit,  
cum tantum sciat esse basiorum.*

Vamos viver, minha Lésbia, e amar,  
e aos rumores dos velhos mais severos,  
a todos, voz nem vez vamos dar. Sóis  
podem morrer ou renascer, mas nós

quando breve morrer a nossa luz,  
perpétua noite dormiremos, só.  
Dá mil beijos, depois outros cem, dá  
muitos mil, depois outros sem fim, dá  
mais mil ainda e enfim mais cem – então  
quando beijos beijarmos (aos milhares!)  
vamos perder a conta, confundir,  
p'ra que infeliz nenhum possa invejar,  
se de tantos souber, tão longos beijos.

\*\*\*\*

8

*Miser Catulle, desinas ineptire,  
et quod uides perisse perditum ducas.  
Fulsere quondam candidi tibi soles,  
cum uentitabas quo puella ducebat  
amata nobis quantum amabitur nulla.  
Ibi illa multa tum iocosa fiebant,  
quae tu uolebas nec puella nolebat.  
Fulsere uere candidi tibi soles.  
Nunc jam illa non uolt: tu quoque. inpotens, noli,  
nec quae fugit sectare, nec miser uiue,  
sed obstinata mente perfer obdura.  
Vale, puella. Iam Catullus obdurat,  
nec te requiret nec rogabit inuitam;  
at tu dolebis, cum rogaberis nulla.  
Scelestas, uae te; quae tibi manet uita!  
Quis nunc te adibit? cui uideberis bella?  
Quem nunc amabis? cuius esse diceris?  
Quem basiabis? cui labella mordebis?  
At tu, Catulle, destinatus obdura.*

Infeliz Catulo, deixa de loucura,  
e o que pereceu considera perdido.  
Outrora brilharam-te dourados sóis  
quando ias aonde levava a menina  
amada por nós corno ninguém será;  
lá muitos deleites havia que bem  
querias tu e ela não queria mal.  
É certo, brilharam-te dourados sóis...  
Agora ela não quer: tu, louco, não queiras  
nem busques quem foge nem vivas aflito,  
porém, duramente suporta, resiste.  
Vai, menina, adeus, Catulo já resiste,  
não vai te implorar nem à força exigir-te  
mas quando ninguém te quiser vais sofrer.  
Ai de ti, maldita, que vida te resta?  
Pois quem vai te ver? P'ra quem te enfeitarás?  
E quem vais amar? De quem dirá que és?  
Quem hás de beijar? Que lábios vais morder?  
Mas tu, Catulo, resoluto, resiste.

\*\*\*\*

13

*Cenabis bene, mi Fabulle, apud me  
Paucis, si tibi dei fauent. diebus,  
si tecum attuleris bonam atque magnam  
cenam, non sine candida puella  
et uino et sale et omnibus cachinnis.  
Haec sei, inquam, attueris, uenuste noster  
cenabis bene; nam tui Catulli  
plenus sacculus est aranearum.  
Sed contra accipies meros amores  
seu quid sauius elegantiusue est;  
nam unguentum dabo, quad meae puellae  
dantarunt Veneres Cupidinesque,  
quod tu cum olfacies, deos rogabis,  
totum ut te faciant, Fabulle, nasum.*

Jantarás bem, Fabulo, em minha casa,  
muito em breve se os deuses te ajudarem,  
se contigo leares farto e bom  
jantar, e não sem fina artista, vinho,  
graça e as risadas todas. Isso tudo,  
se leares, encanto meu, garanto,  
jantarás bem, pois teu Catulo tem  
o bolso cheio de teias de aranha.  
Em troca aceitarás meros amores  
e o que há de mais suave ou elegante,  
pois um perfume te darei que à minha garota  
Vênus e os Cupidos deram,  
que ao sentires aos deuses vais pedir  
te façam, Fabulo, todo nariz.

\*\*\*\*

16

*Pedicabo ego irrumabo,  
Aureli pathice et cinaede Furi,  
qui me ex uerciculis meis putastis,  
quod sunt molliculi, parum pudicum.  
Nam castum esse decet pium poetam  
ipsum, uersciculos nihil necesse est,  
qui tum denique habent salem ac leporem,  
si sunt molliculi ac paruuum pudici  
et quod pruriat incitare possunt,  
non dico pueris, sed his pilosis  
qui duros nequeunt mouere lumbos.  
Vos, quei millia multa basiorum  
legistis, male me marem putastis?  
Pedicabo ego uos et irrumabo.*

Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos,  
Aurélio bicha e Fúrio chupador,

que por meus versos breves, delicados,  
me julgastes não ter nenhum pudor.  
A um poeta pio convém ser casto  
ele mesmo, aos seus versos não há lei.  
Estes só tem sabor e graça quando  
são delicados, sem nenhum pudor,  
e quando incitam o que excite não  
digo os meninos, mas esses peludos  
que jogo de cintura já não tem  
E vós, que muitos beijos (aos milhares!)  
já lestes, me julgais não ser viril?  
Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos.

\*\*\*\*

46

*Iam uer egelidos refert tepores,  
iam caeli furor aequinoctialis  
iocundis Zephyri silescit aureis.  
Linquntur Phrygii, Catulle, campi  
Nicacaeque ager uber aestuosae;  
ad claras Asiae uolemus urbes.  
Iam mens praetrepidans auet uagari,  
iam laeti studio pedes uigescunt.  
O dulces comitum ualete coetus,  
longe quos simul a domo profecos  
diuersae uarjae uiae reportant.*

Vem primavera e devolve calor,  
Vai-se o furor no equinócio do céu,  
se acalma as brisas de cálidos ventos.  
Catulo, os campos da Frígia deixemos,  
férteis campinas da quente Nicéia;  
vamos voando às cidades da Ásia.  
Trépido, o espírito anseia vagar,  
sem peso os pés recuperam vigor.  
Adeus, suaves encontros de amigos:  
Levados juntos bem longe de casa,  
vias diversas nos levam de volta.

\*\*\*\*

51

*Ille mi par esse deo uidetur,  
ille, si fas est, superare diuos,  
qui sedens aduersus identidem te  
spectat et audit*

*dulce ridentem, misero quod omnibus  
eripit sensus mihi; nam simul te,  
Lesbia, aspexi, nihil est super mi  
votis in ore,*

*lingua sed torpet, tenuis sub artus*

*flamma demanat, sonitu suoapte  
tintimant aures, gemina teguntur  
lumina nocte.*

*Otium, Catulle, tibi molestum est;  
otio exultas nimiumque gestis.  
Otium et reges prius et beatas  
perdidit urbes.*

Ele parece-me ser par de um deus,  
ele, se é fás dizer, supera os deuses,  
esse que todo atento o tempo todo  
contempla e ouve-te

doce rir, o que pobre de mim todo  
sentido rouba-me, pois uma vez  
que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou  
DE VOZ NA BOCA

mas torpece-me a língua e leve os membros  
uma chama percorre e de seu som  
os ouvidos tintinam, gêmea noite  
cega-me os olhos.

O ócio, Catulo, te faz tanto mal.  
No ócio tu exultas, tu vibras demais.  
ócio já reis e já ricas cidades  
antes perdeu.

\*\*\*\*

## 58

*Caeli, Lesbia nostra, Lesbia illa,  
illa Lesbia, quam Catullus unam  
plus quam se atque suos amavit omnes,  
nunc in quadruviiis et angiportis  
glubit magnanimi Remi nepotes.*

Célio: nossa Lésbia, aquela tal Lésbia,  
Lésbia, aquela, única que Catulo  
amou mais que a si e todos os seus,  
agora nos becos e encruzilhadas  
descasca os filhos de Remo magnânimo.

\*\*\*\*

## 65

*Etsi me assiduo confectum cura dolore  
seuocat a doctis, Ortale uirginibus,  
nec potis est dulcis Musarum expropiere fetus  
mens animi (tantis fluctuat ipsa malis;  
namque mei nuper Lethaeo in gurgite fratris  
pallidulum manans alluit unda pedem.  
Troia Rhoeteo quem subter litore tellus  
ereptum nostris obterit ex oculis;*

*alloquar audiero numquam tua facta loquentem,  
numquam ego te uita frater amabilior,  
aspiciam posthac; at certe semper amabo  
semper maesta tua carmina morte tegam,  
qualia sub densis ramorum concinit umbris  
Daulias absumpti fata gemens Itylei)  
sed tamen in tantis maeroribus Ortale mitto  
haec expressa tibi carmina Battiadae,  
ne tua dicta uagis nequiquam credita uentis  
effluxisse meo forte putes animo,  
ut miserum sponsi furtiuo munere malum  
procurrit casto uirginis e gremio,  
quod miserae oblita molli sub ueste locatum,  
dum aduentu rnutris prosilit, excutitur;  
atque illud prono praeceps agitur decursu,  
huic manat tristi conscius ore rubor.*

Embora,ilhado em magoas, uma dor sem fim  
me afaste, ó Hórtalo, das virgens doudas  
nem bons frutos das Musas possa pensamento  
gerar (que já flutua em tantos males  
pois uma onda, há pouco manando do abismo  
do Oblívio, os alvos pés banhou de meu  
irmão, em quem, roubado a meus olhos, na praia  
Retéia areias pesam de Tróia, ah!  
Nunca mais conversar nem ouvir-te contar-me  
teus feitos, nunca mais te ver, irmão  
mais amável que a vida, e sempre vou te amar,  
meu canto tornar triste por tua morte,  
qual canta sob as sombras dos ramos tão densas –  
ave - a Daulíade a gemer a ausência  
de Ítulo); em tanta dor porém te envio, ó Hórtalo,  
estes versos vertidos de Calímaco  
por teus ditos, dispersos aos ventos volúveis,  
em vão não creres voaram de meu peito,  
como a maçã – furtivo presente do amante –  
que cai do casto colo da menina  
esquecida, coitada, do fruto escondido  
entre as dobras do manto: vem a mãe,  
ela salta e no chão foge o fruto, em sua face  
infeliz um rubor lhe sobe cúmplice.

\*\*\*\*

## 76

*Siqua recordanti benefacta priora uoluptas  
est homini, cum se cogitat esse pium,  
nec sanctam uiolasse fidem, nec foedere nullo  
dium ad fallendos numine abusum homines,  
multa parata manent tum in longa aetate, Catulle,  
ex hoc ingrato gaudia amore tibi.  
Nam quaecumque homines bene cuiquam aut dicere possunt  
Aut facere, haec a te dictaque factaque sunt;  
omniaque ingratae perierunt credita menti.  
Quare cur te iam amplius excrucies?  
Quin tu animum offirmas atque istinc teque reducis*

*et deis inuitis desinis esse miser?  
Difficile est longum subito deponere amorem.  
Difficile est, uerum hoc qua lubet efficias.  
Vna salus haec est, hoc est tibi peruincendum;  
Hoc facias, siue id non pote siue pote.  
O dei, si uestrum est misereri, aut si quibus unquam  
Extremam iam ipsa in morte tulistis opem,  
Me miserum aspiciate et, si uitam puriter egi,  
eripite hanc pestem perniciemque mihi,  
quae mihi subrepens imos ut torpor in artus  
expulit ex omni pectori laetitias.  
Non iam illud quaero contra ut me diligat illa,  
Aut, quod non potis est, esse pudica uelit;  
ipse ualere opto et taetrum hunc deponere morbum.  
O dei reddite mi hoc pro pietate mea.*

Se ao homem que recorda os feitos bons de outrora  
existe algum prazer ao ver que é pio,  
que não faltou à fé jurada nem do nome  
usou dos deuses por perder os homens  
num pacto, a ti, Catulo, é grande, vida afora,  
em paga, a dita deste ingrato amor.  
Pois quanto os homens podem bendizer ou bem  
fazer está por ti já dito e feito.  
E tudo terminou confiado a um peito ingrato.  
Por que então te torturas tanto assim?  
Por que não firmas o ânimo e, senhor de si,  
e deuses contra, deixas de ser triste?  
Difícil é deixar súbito um longo amor.  
É difícil, mas tenta como podes.  
Só isto é salvação, isto tens de fazer.  
Que o faças, se impossível ou possível.  
Ó deuses, se é de vós ter pena ou se já a alguém  
último auxílio destes na sua morte,  
olhai-me triste e se urna vida levei pura,  
arrancai-me esta peste e perdição,  
que sub-reptícia qual torpor nos membros dentro  
alegria expulsou do peito inteiro.  
Eu já não quero de sua parte que me queira,  
e – impossível – que venha a ter pudor.  
Quero estar bem, deixar esta dor ruim. Deuses!  
Isto me dai por minha piedade.

\*\*\*\*

85

*Odi et amo. Quare id faciam fortasse requiris  
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.*

Odeio e amo. Talvez queiras saber "como?"  
Não sei. Só sei que sinto e crucifico-me.

\*\*\*\*

101

*Multas per gentes et multa per aequora uectus*

*aduenio has miseras, frater ad inferias,  
ut te postremo donarern munere martis  
et mutam nequiquam allaquerer cinerem,  
quandoquidem fortuna mihi tete abstulit ipsum,  
heu miser indigne frater adempte mihi.*

Por muitos povos e por muitos mares vindo,  
chego, irmão, a teu túmulo infeliz  
para última dar-te dádiva de morte  
e só falar a muda cinza em vão  
pois Fortuna tolheu-me de tudo que foste,  
ah! triste irmão tão cedo a mim roubado!

---

## HORÁCIO

### Ode 1,5

*Quis multa gracilis te puer in rosa  
perfusus liquidis urget odoribus  
grato, Pyrrha, sub antro?  
cui flavam religas comam,*

*simplex munditiis? heu quotiens fides  
mutatosque deos flebit et aspera  
nigris aequora ventis  
emirabitur insolens,*

*qui nunc te fruitur credulus aurea,  
qui semper vacuam, semper amabilem  
sperat, nescius aurae  
fallacis. miseri, quibus*

*intemptata nites. me tabula sacer  
votiva paries indicat umida  
suspendisse potenti  
vestimenta maris deo.*

### TRADUÇÃO

Nelson Ascher

Que jovem grácil entre rosas  
urge-te unguado de perfumes,  
Pyrra, em teu antro?  
Pra quem singelos ornas

louros cabelos? Ele a fé  
maldirá logo e instáveis deuses,  
sofrendo, inábil,  
mar bravo e negro vento,

pois áurea frui-te ingênuo como  
se sempre livre, sempre amável  
e ignora as auras  
falazes. Pobres desses

## TRADUÇÕES

que, intacta, ofuscas. Sacro muro  
por painel votivo atesta  
que alcei molhada  
a veste ao deus do mar.

\*\*\*\*

### Ode 1,11

*Tu ne quaesieris – scire nefas – quem mihi, quem tibi  
finem di dederint, Leuconoë, nec Babylonios  
temptaris numeros. ut melius, quicquid erit, pati!  
seu plures hiemes, seu tribuit Iuppiter ultimam,  
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare  
Tyrrhenum. sapias, vina liques, et spatio brevi  
spem longam reseces. dum loquimur, fugerit invida  
aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.*

### TRADUÇÃO

Paulo Martins

Não procures – ímpio é saber – que fim  
deuses te darão e a mim também, Leucônoe,  
nem consultes babilônios números,  
tanto melhor será tudo sofrer! ou  
porque Jove deu vários invernos  
ou último que já fere o Tirreno em  
opostas rochas. Sê sábia, vinhos  
filtra e suprime em breve espaço longa  
espera. Ao falar, vida foge ínvada:  
Colhe o dia e pouco crê no futuro.

\*\*\*\*

### Ode 3,30

*Exegi monumentum aere perennius  
regalique situ pyramidum altius,  
quod non imber edax, non Aquilo impotens  
possit diruere aut innumerabilis  
annorum series et fuga temporum.  
non omnis moriar multaue pars mei  
vitabit Libitinam: usque ego postera  
crescam laude recens. dum Capitolium  
scandet cum tacita virgine pontifex,  
dicar, qua violens obstrepit Aufidus  
et qua pauper aquae Daunus agrestium  
regnavit populorum, ex humili potens  
princeps Aeolium carmen ad Italos  
deduxisse modos. sume superbiam  
quaesitam meritis et mihi Delphica  
lauro cinge volens, Melpomene, comam.*

Haroldo de Campos

Mais perene que o bronze um monumento  
ergui, mais alto e régio que as pirâmides,  
nem o roer da chuva nem a fúria  
de Áquilo o tocarão, tampouco o tempo  
ou a série dos anos. Imortal  
em grande parte, a morte só de um pouco  
de mim se apossará. Que eu sempre renovo,  
acrescido em louvor, hei de crescer  
enquanto ao Capitólio suba o Sumo  
Sacerdote e a calada vestal. Aonde  
violento o Áufido espadana, aonde  
depauperado de água o Dauno agrestes  
povos regeu, de humilde a poderoso  
dirão que passei: príncipe, o primeiro  
em dar o eólio canto ao modo itálico.  
Assume os altos méritos, Melpómene:  
cinge-me a frente do laurel de Apolo.

\*\*\*\*

Paulo Martins

Eregi obra mais perene que bronze,  
Mais alta que pirâmides reais para  
Que nem chuva edaz nem Áquilo colérico  
Destruir possam ou inumeráveis séries  
De anos ou fuga dos tempos. De todo não  
Morrerei e mor parte de mim à Libitina  
Sobreviverá, sempre e em todo lugar, novo  
Renascerei por louvor at~e que o Pontífice  
Com tácita virgem Capitólio escale.  
Conhecido, onde Áufido violento ruge  
E onde Dauno pobre reinou, n'águas, sobre  
Campesinos, serei. Eu, de origem humilde,  
O primeiro que trouxe canções eólicas  
Ao metro itálico. Toma a grandeza por  
Mérito obtida e cinge-me a cabeça,  
Melpómene, desejando, com délfico louro.

\*\*\*\*

### Ode 4,7

*Diffugere nives, redeunt iam gramina campis  
arboribusque comae;  
mutat terra vices et decrescentia ripas  
flumina praetereunt;  
Gratia cum Nymphis geminisque sororibus audet  
ducere nuda choros.  
immortalia ne speres, monet annus et alnum  
quae rapit hora diem.  
frigora mitescunt zephyris, ver proterit aestas*

*interitura, simul  
pomifer autumnus fruges effuderit, et mox  
bruma recurrit iners.  
damna tamen celeres reparant caelestia lunae;  
nos ubi decidimus,  
quo pius Aeneas, quo Tullus dives et Ancus,  
pulvis et umbra sumus.  
quis scit an adiciant hodiernae crastina summae  
tempora di superi?  
cuncta manus avidas fugient heredis, amico  
quae dederis animo.  
cum semel occideris et de te splendida Minos  
fecerit arbitria,  
non, Torquate, genus, non te facundia, non te  
restituēt pietas;  
infernīs neque enim tenebris Diana pudicūni  
liberat Hippolytum,  
nec Lethaea valet Theseus abrumpere caro  
viucula Pirithoo.*

### TRADUÇÕES

Mário Faustino

Vão-se as neves e torna a grama aos campos  
E às árvores as folhas;  
O ano muda a terra, volta o rio  
Às margens, decrescendo.  
Graças e ninfas, gêmeas, ousam nuas  
Reger coros de dança.  
Nada esperes do eterno, os anos fogem,  
Dias, horas te advertem.  
Menos frios, mais zéfiros, Verão  
Expulsa primavera  
Por sua vez defunta às mãos do Outono,  
Que, com todos seus frutos,  
Pelo estéril Inverno é sucedido.  
Céleres meses os celestes males  
Vão reparando; e nós  
Lá onde estão Enéias, Anco, Tulo...  
Sombra e pó somos.  
Mas quem sabe darão os deuses outro  
Tempo, esgotado o nosso?  
– Ao menos salvarás de teus herdeiros  
Torquato, o que gozaste:  
Quando Minos esplêndido julgar-te  
Após morreres, não  
Te ressuscitarão tua eloquência,  
Tua estirpe, teus dotes:  
Nem Diana do inferno arranca seu  
Hipólito pudico,  
Nem forças Teseu tem para livrar  
Seu Piritão querido.

\*\*\*\*

Paulo Martins

Dissolveram-se neves, já vergéis retornam  
Aos campos e às árvores comas;  
Mudam vezes a terra e às margens tornam  
Descendentes os regatos  
A Graça com Ninfas e com gêmeas irmãs  
Ousa nua conduzir coros.  
Vida eterna não esperes, ano e hora que rapta  
Dia propício advertem.  
Frios abrandam com Zéfiros, verão suplanta  
Vera até que morto esteja;  
Logo outono pomífero trará frutos e  
Reviverá inverno sem pomos.  
Luas céleres recuperam celestes danos  
Quando, então, nós descemos  
Onde estão Enéias pai, rico Tulo, Anco  
E somos pó e sombra apenas.  
Quem sabe se súperos somam ao todo,  
De amanhã um intervalo?  
O que terás dado com ânimo amigo,  
De ávido herdeiro fugirá.  
Quando tiveres morrido e Minos tiver  
Feito de ti juízo notável,  
Nem estirpe, Torquato, nem fluência, nem  
Piedade te darão vida;  
Pois nem Diana livra de atroz inferno  
Seu casto Hipólito,  
Nem Teseu é forte para romper oblívios  
Vínculos do caro Piritoo.

---

### PROPÉRCIO

#### TRADUÇÕES

Paulo Martins

1,7

*Dum tibi Cadmeae dicuntur, Pontice, Thebae  
armaque fraternae tristia militiae,  
atque, ita sim felix, primo contendis Homero,  
(sint modo fata tuis mollia carminibus:)  
nos, ut consuemus, nostros agitamus amores,  
atque aliquid duram quaerimus in dominam;  
nec tantum ingenio quantum seruire dolori  
cogor et aetatis tempora dura queri.  
hic mihi conteritur uitae modus, haec mea fama est  
hinc cupio nomen carminis ire mei.  
me laudent doctae solum placuisse puellae,  
Pontice, et iniustas saepe tulisse minas;  
me legat assidue post haec neglectus amator  
et prosint illi cognita nostra mala.  
te quoque si certo puer hic concusserit arcu  
(quod nolim nostros, heu, uoluisse deos),  
longe castra tibi, longe miser agmina septem*

*flebis in aeterno surda iacere situ;  
et frustra cupies mollem componere uersum,  
nec tibi subiciet carmina serus amor.  
tum me non humilem mirabere saepe poetam,  
tunc ego Romanis praeferar ingeniis;  
nec poterunt iuuenes nostro reticere sepulcro  
'Ardoris nostri magne poeta, iaces.'*  
tu caue nostra tuo contemnas carmina fastu:  
saepe uenit magno faenore tardus amor.

Enquanto, ó Pôntico, cantas Tebas de Cadmo  
e as tristes lutas dos irmãos  
e (possa assim eu ser feliz) rivalizas com Homero,  
o primeiro dos poetas  
(que os destinos sejam suaves aos teus poemas),  
Eu, como de costume, ocupo-me com os meus  
poemas de amor  
e procuro algo contra minha cruel senhora;  
e sou levado a servir não tanto ao engenho quanto à  
minha dor  
e a lastimar os difíceis tempos da minha juventude.  
Assim a minha vida transcorre, esta é minha fama,  
desta forma, desejo que se espalhe o renome dos  
meus poemas.  
Que me louvem só por eu ter agradado à douta  
menina,  
ó Pôntico, e por ter, sempre, suportado suas injustas  
ameaças;  
Que depois o amante desprezado assiduamente me  
leia  
e que conhecendo meus males, estes lhe sejam  
úteis.  
A ti, também, se este menino tiver ferido com  
certo arco,  
(Ah! eu não gostaria que tu violasses nossos deuses)  
tu, mísero, longe dos acampamentos, longe dos  
sete exércitos  
chorarás que eles surdos jazem em eterna podridão  
e desejarás, em vão, compor suaves versos  
e amor tardio não te sugerirá poemas.  
Então, amiúde, não me admirarás, poeta menor,  
e então, eu serei preferido aos romanos de talento;  
e os jovens não poderão calar-se diante do meu  
título:  
"DESCANSAS, Ó GRANDE POETA DE NOSSO ARDOR!"  
Cuidado para não desprezar meus poemas com teu  
orgulho:  
freqüentemente o amor tardio chega com alto  
preço.

\*\*\*\*

### 1,9

*Dicebam tibi uenturos, irrisor, amores,  
Nec tibi perpetuo libera uerba fore:*

*ecce iaces supplexque uenis ad jura puellae,  
et tibi nunc quaeuis imperat empti modo.  
non me Chaoniae uincant in amore columbae  
dicere, quos iuuenes quaeque puella domet.  
me dolor et lacrimae merito fecere peritum:  
atque utinam posito dicar amore rudis!  
quid tibi nunc misero prodest graue dicere carmen  
aut Amphioniae moenia flere lyrae?  
plus in amore ualet Mimnermi uersus Homero:  
carmina mansuetus lenia quaerit Amor.  
i quaeso et tristis istos compone libellos,  
et cane quod quaeuis nosse puella uelit!  
quid si non esset facilis tibi copia? nunc tu  
insanus medio flumine quaeris aquam.  
necdum etiam palles, uero nec tangeris igni:  
haec est uenturi prima fauilla mali.  
tum magis Armenias cupies accedere tigris  
et magis infernae uincula nosse rotae,  
quam pueri totiens arcum sentire medullis  
et nihil iratae posse negare tuae.  
nullus Amor cuiquam facilis ita praeuit alas,  
ut non alterna presserit ille manu.  
nec te decipiat, quod sit satis illa parata:  
acrius illa subit, Pontice, si qua tua est,  
quippe ubi non liceat uacuos seducere ocellos,  
nec uigilare aho nomine cedat Amor.  
qui non ante patet, donec manus attigit ossa:  
quisquis es, assiduas a fuge blanditias!  
illis et silices et possint cedere quercus,  
nedum tu possis, spiritus iste leuis.  
quare, si pudor est, quam primum errata fatere:  
dicere quo pereas saepe in amore leuat.*

Escarnecedor, eu te dizia que os amores te  
alcançariam,  
e que nunca mais terias liberdade de falar:  
Eis que jazes suplicante e te submetes às leis de  
menina  
e agora, uma qualquer, comprada a pouco, manda  
em ti.  
Não me vençam no amor as pombas da Caônia,  
em dizer quais são os jovens que cada menina  
subjuga.  
Dor e lágrimas, por mérito, me fizeram experiente.  
E queira deus que eu, tendo me livrado do amor,  
seja considerado ignorante!  
Que utilidade há para ti, infeliz, cantar um solene  
poema  
ou chorar muros da lira anfíonia?  
Mais vale no amor o verso de Mimnermo do que  
Homero:  
O dócil Amor procura suaves poemas.  
Vai e compõe, eu te desafio, estes tristes livros  
e, ao mesmo tempo, canta o que qualquer menina  
deseja conhecer.  
O que seria, se não tivesses material apropriado?

Hoje tu,  
insensato, procuras água no meio do rio.  
E ainda não estás pálido e nem foste tocado pelo  
fogo verdadeiro.  
Esta é a primeira fagulha de uma futura desgraça.  
Então, preferirás te aproximar dos tigres da Armênia  
e conhecer os elos da roda infernal,  
a sentir sem cessar o arco do menino na medula  
e nada à tua enraivecida amada poder negar.  
Amor nunca mostrou dóceis asas a ninguém de tal  
forma  
que ele não as manejasse com mão alternada.  
Nem te engane o fato de que ela seja bastante  
condescendente:  
Fere mais profundamente, ó Pôntico, aquela que for  
tua,  
especialmente quando o Amor não te permitir  
desviar dela  
os olhos livres e não permitir ficar acordado por  
outro motivo.  
E Amor não se revela antes que suas mãos atinjam  
teus ossos.  
Quem quer que sejas, ah! evita os afagos freqüentes!  
A eles, os carvalhos e os seixos não poderiam  
resistir,  
muito menos tu, este espírito suave.  
Por isso, se tens pudor, admite mais rapidamente  
teus erros:  
O cantar por quem estás morrendo, amiúde, no  
amor, consola.

\*\*\*\*

## 2, 12

*Quicumque ille fuit, puerum qui pinxit Amorem,  
nonne putas miras hunc habuisse manus?  
is primum vidit sine sensu vivere amantis,  
et levibus curis magna perire bona.  
idem non frustra ventosas addidit alas,  
fecit et humano corde volare deum:  
scilicet alterna quoniam iactamur in unda,  
nostraque non ullis permanet aura locis.  
et merito hamatis manus est armata sagittis,  
et pharetra ex umero Cnosia utroque iacet:  
ante ferit quoniam, tuti quam cernimus hostem,  
nec quisquam ex illo vulnere sanus abit.  
in me tela manent, manet et puerilis imago:  
sed certe pennas perdidit ille suas;  
evolat heu nostro quoniam de pectore nusquam,  
assiduusque meo sanguine bella gerit.  
quid tibi iucundum est siccis habitare medullis?  
si pudor est, alio traice tela una!  
intactos isto satius temptare veneno:  
non ego, sed tenuis vapulat umbra mea.  
quam si perdidideris, quis erit qui talia cantet,*

*(haec mea Musa levis gloria magna tua est),  
qui caput et digitos et lumina nigra puellae,  
et canat ut soleant molliter ire pedes?*

Quem quer que seja que pintou o Amor menino  
Não julgas que ele tivesse mãos admiráveis?  
Primeiro viu os amantes viver sem juízo  
e os grandes bens perecer sem cuidados.  
O mesmo não ao acaso adicionou asas ligeiras  
e fez o deus voar no coração humano:  
É evidente, porque somos lançados em ondas  
alternadas  
e nosso ar não se conserva em lugar algum  
e com razão suas mãos são armadas com setas  
aduncas  
e de seu ombro pende aljava de Gnosos:  
Porque feriu, antes que seguros discernamos  
inimigo,  
ninguém se livra desta cicatriz.  
Em mim as setas permanecem, permanece a  
imagem pueril:  
mas, certamente, ele perdeu suas asas,  
porque, ah!, não voa de meu peito para lugar  
algum  
e assíduo em meu sangue gere guerras.  
Por que te é agradável habitar em um coração  
ressequido?  
Se existe a honra, lance em outro tuas setas!  
É melhor atingir pessoas sãs com este veneno:  
Não sou eu, mas minha tênue sombra está sendo  
açoitada.  
Tanto que se me perderes, quem será que irá  
cantar tais coisas,  
Essa, minha Musa suave, é tua maior glória:  
Aquele que cante a cabeça, os dedos, os olhos  
negros  
de menina e como seus pés irão seguir suavemente?

\*\*\*\*

## 2, 15

*O me felicem! o nox mihi candida! et o tu  
lectule deliciis facte beate meis!  
quam multa apposita narramus verba lucerna,  
quantaque sublato lumine rixa fuit!  
nam modo nudatis mecum est luctata papillis,  
interdum tunica duxit aperta moram.  
illa meos somno lapsos patefecit ocellos  
ore suo et dixit 'Sicine, lente, iaces?'  
quam vario amplexu mutamus brachia! quantum  
oscula sunt labris nostra morata tuis!  
non iuvat in caeco Venerem corrumpere motu:  
si nescis, oculi sunt in amore duces.  
ipse Paris nuda fertur periisse Lacaena,  
cum Menelaeo surget et thalamo;*

*nudus et Endymion Phoebi cepisse sororem  
dicitur et nudae concubuisse deae.  
quod si pertendens animo vestita cubaris,  
scissa veste meas experiere manus:  
quin etiam, si me ulterius provexerit ira,  
ostendes matri brachia laesa tuae.  
necdum inclinatae prohibent te ludere mammae:  
viderit haec, si quam iam peperisse pudet.  
dum nos fata sinunt, oculos satiemus amore:  
nox tibi longa venit, nec reditura dies.  
atque utinam haerentis sic nos vincire catena  
velles, ut numquam solveret ulla dies!  
exemplo iunctae tibi sint in amore columbae,  
masculus et totum femina coniugium.  
errat, qui finem vesani quaerit amoris:  
verus amor nullum novit habere modum.  
terra prius falso partu deludet arantis,  
et citius nigros Sol agitabit equos,  
fluminaque ad caput incipient revocare liquores,  
aridus et sicco gurgite piscis erit,  
quam possim nostros alio transferre dolores:  
huius ero vivus, mortuus huius ero.  
quod mihi secum talis concedere noctes  
illa velit, vitae longus et annus erit.  
si dabit haec multas, fiam immortalis in illis:  
nocte una quivis vel deus esse potest.  
qualem si cuncti cuperent decurrere vitam  
et pressi multo membra iacere mero,  
non ferrum crudele necque esset bellica navis,  
nec nostra Actiacum verteret ossa mare,  
nec totiens propriis circum oppugnata triumphis  
lassa foret crinis solere Roma suos.  
haec certe merito poterunt laudare minores:  
laeserunt nullos pocula nostra deos.  
tu modo, dum lucet, fructum ne desere vitae!  
omnia si dederis oscula, pauca dabis.  
ac veluti folia arentis liquere corollas,  
quae passim calathis strata natare vides,  
sic nobis, qui nunc magnum spiramus amantes,  
forsitan includet crastina fata dies.*

Ó minha felicidade! Ó minha cândida noite!  
E tu, leito feito alegre com meus prazeres,  
Como palavras muitas falamos junto à lâmpada!  
Quantas batalhas se foram, apagadas as luzes!  
Há pouco, pois, lutou comigo com seios desnudos  
Por vezes a túnica dissimulada fez a demora.  
Ela abriu meus olhos cerrados no sono  
Com seus beijos e disse: “é assim que dormes  
com calma?”  
Quantos abraços trocamos variados! Quantos  
Beijos meus habitaram teus lábios!  
Não aprez a Vênus destruir no movivimento cego:  
Se não sabes: os olhos são chefes no amor.  
O próprio Páris diz-se que morreu pela nudez da  
lacedemônia

Quando se levantava do leito de Menelau.  
Conta-se que Endímion nu capturou a irmã de Febo  
E deitou com a deusa nua.  
Mas, se obstinadamente vestida, te deitares  
Sob a veste rota vais ter minhas mãos:  
Mas, ainda mais se a ira me impelir além,  
mostrarás seus braços machucados para a mãe.  
Nem ainda os seios caídos te impedem de brincar:  
Isso compreenderá, se já teve vergonha de ter  
parido.  
Enquanto os fados me pertitirem: saciaremos os  
olhos de amor:  
A noite chegará longa para ti e o dia não há de  
retornar.  
Oxalá desejes que estejamos nós assim liados  
com laços duradouros para que dia algum os  
dissolva.  
Que as pombas unidas te sirvam de exemplo no  
amor,  
Macho e fêmea em total união.  
Erra quem procura o fim de um louco amor:  
O verdadeiro amor não conhece limite algum,  
Antes a terra enganará com falso pomo os  
lavradores  
E o sol fará avançar mais rápido os negros cavalos  
E os rios começarão a retroceder à nascente  
E os peixes secarão em árido sorvedouro.  
Antes que eu possa transferir meus amores a outro  
amor,  
vivo dela serei; morto serei dela.  
Se ela desejar me conceder consigo noites tais,  
Longo me será um ano de vida;  
Se ela me der muitas coisas, vou me tornar imortal  
nelas:  
Numa noite qualquer um pode ser deus.  
Se todos desejassem levar essa vida  
E descansar seus membros apoiados com muito  
vinho,  
Não haveria a espada cruel tampouco naus  
bélicas,  
Nem o mar de Ácio revolveria nossos despojos,  
Nem, tanta vez, em meio a ataques, com tantos  
trunfos,  
Roma estaria cansada de soltar os cabelos.  
Com mérito certo, os jovens puderam louvar estes  
feitos:  
Nossas taças nunca macularam deus algum.  
Tu, por tua vez, enquanto é dia, não abandones os  
desfrutes da vida!  
Se deres todos os beijos, poucos haverás dado.  
Pois, como folhas extinguem grinaldas  
ressequidas,  
As quais vês nadar cobertas nos cestos em todos  
os lugares  
Assim para nós, que agora amantes aspiramos um

grande amor,  
Talvez o dia de amanhã encerre nossos fados.

TRADUÇÃO

João Angelo Oliva Neto

\*\*\*\*

3,1

*Callimachi Manes et Coi sacra Philitae,  
in uestrum, quaeso, me smite ire nemus.  
primus ego ingredior puro de fonte sacerdos  
Itala per Graios orgia ferre choros.  
dicite, quo pariter Carmen tenuastis in antro?  
quoue pede ingressi? quamue bibistis aquam?  
a ualeat, Phoebum quicumque moratur in armis!  
exactus tenui pumice uersus eat, -  
quo me Fama leuat terra sublimis, et a me  
nata coronatis Musa triumphat equis,  
et mecum in curru parui uectantur Amores,  
scriptorumque meas turba secuta rotas.  
quid frustra missis in me certatis habenis?  
non datur ad Musas currere lata uia.  
multi, Roma, tuas laudes annalibus addent,  
qui finem impeni Bactra futura canent.  
sed, quod pace legas, opus hoc de monte Sororum  
detulit intacta pagina nostra uia.  
mollia, Pegasides, date uestro sarta poetae:  
non faciet capiti dura corona meo.  
at mihi quod uiuo detraxerit inuida turba,  
post obitum duplici faenore reddet Honos;  
omnia post obitum fingit maiora uetustas:  
maius ab exsequiis nomen in ora uenit  
nam quis equo pulsas abiegnos nosceret arces,  
fluminaque Haemonio comminus isse uiro,  
Idaeum Simoenta ~uis cum prole Scamandro,  
Hectora per campos ter maculasse rotas?  
Deiphobumque Helenumque et Pulydamanta et in armis  
qualemcumque Parim uix sua nosset humus.  
exiguo sermone fores nunc, Ilion, et tu  
Troia bis Oetaei numine capta dei.  
nec non ille tui casus memorator Homerus  
posteritate suum crescere sensit opus.  
meque inter seros laudabit Roma nepotes:  
ilium post cineres auguror ipse diem.  
ne mea contempto lapis indicet ossa sepulcro  
prouisum est Lycio uota probante deo.*

Manes de Calímaco e sagrados ritos de Filetas de Cós, permiti-me, peço-vos, adentrar vosso bosque. Sacerdote, vindo de fonte pura, eu sou o primeiro a ingressar para trazer danças gregas aos mistérios itálicos. Dizei-me: em que gruta ambos modulastes o canto? Com que passo entrastes? De que água bebestes? Ah! longe daqui quem prefere Febo em armas. Que, burilado com ténue pedrapomes, prossiga meu verso, pelo qual, sublime, a Fama ergue-me da terra, a Musa, nascida de mim, triunfa em cavalos coroados, os Amores, meninos, comigo no carro são conduzidos e seguiu minhas rodas a turba de escritores.

Por que, largando as rédeas, em vão lutai vós outros contra mim? Às Musas não é dado correr em larga estrada. Muitos, Roma, vão acrescentar louvores aos anais e cantar que Bactras será o limite do império. Porém, esta obra, que poderás ler em paz, desde a montanha das Irmãs minha página trouxe por via não percorrida. Dai, Pegásides, tenras guirlandas ao vosso poeta: dura coroa não ficará bem em minha cabeça. E aquilo que a invejosa turba arrancar de mim vivo, depois da morte a Honra vai devolver em dobro. Por causa da Fama, depois da morte o tempo torna tudo maior. Das exéquias maior virá meu nome aos lábios.

Pois quem saberia que cidadelas foram derrubadas por um cavalo de abeto, que contra o varão Hemônio lutaram rios, que o Símois e o Ida são berço de Júpiter, que três vezes, pelos campos, rodas macularam Heitor? A própria terra mal conhece Deífobo, Heleno e, em armas de Polidamante, até alguém como Páris. Hoje, Ílio, merecerias só um pequeno discurso, e também tu Tróia, duas vezes abatida pelo deus do Eta. E é certo que o famoso Homero, perpetuador de tuas aventuras, viu crescer sua obra na posteridade. E a mim, Roma me louvará entre seus tardios descendentes: eu mesmo prevejo este dia, quando for cinzas. Já providencieei que uma pedra não indique meus despojos num sepulcro desprezado, uma vez que o Lício deus aprova meus votos.

## ÍNDICE

NOTA À 3ª EDIÇÃO DE 2010	3
APRESENTAÇÃO	4
Carnaval de 2005	5
GRÉCIA	6
ARQUÍLOCO	6
Fr. 1W	6
TRADUÇÕES	6
Paula Corrêa	6
Antônio Medina Rodrigues	6
José Cavalcante de Souza	6
Fr. 4W	6
TRADUÇÕES	6
Paula Corrêa	6
José Cavalcante de Souza	6
Antônio Medina Rodrigues	6
Fr. 38W	6
TRADUÇÕES	6
Paula Corrêa	6
Antônio Medina Rodrigues	6
José Cavalcante de Souza	6
Fr. 93W	7
TRADUÇÃO	7
José Cavalcante de Souza	7
Fr. 114W	7
TRADUÇÕES	7
Paula Corrêa	7
Antônio Medina Rodrigues	7
José Cavalcante de Souza	7
SAFO	7
Ode à Afrodite – Fr. 1	7
TRADUÇÕES	7
Giuliana Ragusa	7
Antônio Medina Rodrigues	8
Jaa Torrano	8
Ode à Anactória – Fr. 16	9

TRADUÇÕES	9
Jaa Torrano	9
Giuliana Ragusa	9
Fēinetai moi – Fr. 31	9
TRADUÇÕES	9
Antônio Medina Rodrigues	9
Jaa Torrano	10
Giuliana Ragusa	10
Fr. 44	10
TRADUÇÃO	10
Giuliana Ragusa	10
MIMNERMO	11
TRADUÇÕES	11
Antônio Medina Rodrigues	11
Diehl 1	11
Diehl 2	11
Diehl 3	11
Diehl 10	11
SEMÔNIDES DE AMORGO	11
“Sátira” contra as mulheres	11
TRADUÇÃO	11
F. Rebelo Gonçalves	11
PÍNDARO	13
XI Olímpica	13
TRADUÇÃO	13
João Angelo Oliva Neto	13
CALÍMACO	13
TRADUÇÕES	13
João Angelo Oliva Neto	13
Epigrama - 1P	13
Epigrama - 8P	13
Epigrama - 27P	14
Epigrama - 28P	14
ROMA	15

CATULO	15
TRADUÇÕES	15
João Angelo Oliva Neto	15
1	15
5	15
8	15
13	16
16	16
46	16
51	16
58	17
65	17
76	17
85	18
101	18
HORÁCIO	18
Ode 1,5	18
TRADUÇÃO	18
Nelson Ascher	18
Ode 1,11	19
TRADUÇÃO	19
Paulo Martins	19
Ode 3,30	19
TRADUÇÕES	19
Haroldo de Campos	19
Paulo Martins	19
Ode 4,7	19
TRADUÇÕES	20
Mário Faustino	20
Paulo Martins	20
PROPÉRCIO	20
TRADUÇÕES	20
Paulo Martins	20

1,7	20
1,9	21
2, 12	22
2, 15	22
3,1	24
TRADUÇÃO	24
João Angelo Oliva Neto	24